

MARÉ

DE NOTÍCIAS

EDIÇÃO
167

15 ANOS DO JORNAL

FOTOS AFFONSO DALUA E DOUGLAS LOPES



ACESSE O SITE



SAMBA MARÉ | RITMO ECOA NO TERRITÓ-
RIO E TRANSFORMA AS VIDAS DOS SAM-
BISTAS MAREENSES
PÁGINAS 10 E 11

PRETA CHIC | ESTÚDIO NO PARQUE UNIÃO
SE DESTACA AO UNIR ALONGAMENTO DE
UNHAS E PONTO DE ENCONTRO DAS AMIGAS
PÁGINA 9

EDITORIAL

Desde o início, Maré de Notícias teve o compromisso de ser um jornal comunitário em todos os sentidos da palavra. Da escolha do nome, a seleção de pautas, personagens das matérias, especialistas entrevistados e equipe, o conjunto de favelas da Maré é nosso lugar de fala.

Eliana Sousa Silva, fundadora e diretora da Redes da Maré, escreveu na Edição 150 que: "não temos como pensar as mudanças que queremos ver acontecer no conjunto de favelas da Maré, no âmbito dos direitos humanos, sem priorizar a dimensão da comunicação como um ato político".

É nesta dimensão que trabalhamos nestes 15 anos, de contar histórias que emocionam, denunciam, inspiram e geram mudanças. Estivemos aqui para dar espaço de voz a quem muitas vezes não é ouvido, para registrar lutas e conquistas, para iluminar os pequenos grandes atos que constroem nosso cotidiano mareense.

Esta jornada nos enche de orgulho, mas também reforça nossa responsabilidade. Em tempos de desafios intensos, seguimos comprometidos com um jornalismo ético, inclusivo e conectado às necessidades da Maré. Lembrando sempre que o território faz parte da cidade e, por isso, não pode ser tratado como exceção.

Agradecemos a todos que fizeram parte desta história: leitores, distribuidores, trabalhadores e parceiros. Este é um marco nosso de todos nós!

TARGIFOR | DICA DE SAÚDE

VITAMINAS PARA FRAQUEZA
NO CORPO E MAIS 8 DICAS
PARA SE SENTIR MELHOR



DOE E APOIE O JORNALISMO COMUNITÁRIO



QUER ANUNCIAR NO
MARÉ DE NOTÍCIAS?
ENTRE EM CONTATO
E SAIBA MAIS!

Whatsapp:
21 97271-9410



EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

da
redesmaré
MARÉ
DE NOTÍCIAS

R. Sargento Silva Nunes, 1008A
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
www.mareonline.com.br
maredenoticias@gmail.com
contato@maredenoticias.com.br

APOIO:

15 Associações de Moradores
da Maré

EDITOR EXECUTIVO E COORDENADOR

Affonso Dalua

EDITORA

Ana Paula Lisboa

FOTOGRAFIA

Affonso Dalua
Douglas Lopes
Thaiane Santos
Patrick Marinho

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

Hélio Euclides
Henrique Silva
Marcelo Bartolomei
Maria Teresa Cruz
Lucas Feitoza
Thaynara Santos

REVISÃO

Tatiana Lima

PROJETO GRÁFICO

Affonso Dalua

DIAGRAMAÇÃO

Affonso Dalua

IMPRESSÃO

Gráfica Tribuna

TIRAGEM

10 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO
REPRESENTAM A OPINIÃO
DO JORNAL

PERMITIDA A REPRODUÇÃO
DOS TEXTOS, DESDE QUE
CITADA A FONTE.

FALE CONOSCO:

Email: maredenoticias@redesdamare.org.br

Whatsapp: +55 21 97271-9410

REDES SOCIAIS:

Twitter: @maredenoticias

Instagram: @maredenoticias

Facebook: fb.com/maredenoticias

REDAÇÃO MARÉ DE NOTÍCIAS

Rua Sargento Silva Nunes, 1008A

Nova Holanda - Maré

Telefone: +55 (21) 3104-3276

PATROCÍNIO:

Targifor

APOIO:

invivo
museu da vida FIOCRUZ

REALIZAÇÃO:

redesmaré

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



A GARANTIA À VIDA NAS FAVELAS

Instrumento jurídico que visa garantir os direitos previstos na Constituição está em julgamento no STF

MARIA TERESA CRUZ

A Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 635, conhecida como ADPF das Favelas, é um instrumento jurídico que serve para fazer valer os direitos previstos na Constituição. Ela traz previsões para controle, fiscalização e transparência na atuação policial e reúne uma série de recomendações para fiscalizar a atuação do braço armado do Estado, que é, em resumo, a polícia.

A ADPF das Favelas foi a responsável por pautar importante debate que é o uso de câmeras nas fardas dos agentes, mecanismo que garante a proteção do cidadão e do próprio policial. Há dois anos, constatou que policiais não usavam câmeras quando entravam na Maré.

Em 2023, o projeto De Olho na Maré, que faz o monitoramento de violações de direitos em operações, certificou que em sete operações foi registrado o uso de câmeras. Os dados de 2024 ainda estão em aberto, mas é possível afirmar que, cada vez mais, o uso dos equipamentos vem sendo incorporado à rotina policial.

Outra importante recomendação é garantir a realização de perícias em casos de morte, um problema sério em territórios de favela. Na Maré, de 2016 até agora, de 145 mortes ocorridas em operação policial, apenas em nove casos houve perícia. A ausência desse procedimento impacta seriamente o processo de investigação e o acesso à reparação por parte das vítimas, favorecendo a impunidade.

CONTEXTO DE VIOLÊNCIA

Duas pessoas foram mortas por dia pelas polícias do Rio de Janeiro entre 2003 e 2023, em operações policiais. São quase 21 mil mortes em 20 anos. A taxa de letalidade está em 5,4 por 100 mil habitantes, o que coloca o Rio em 3º lugar no ranking de violência do Estado.

Na Maré, em 2024, 17 pessoas foram mortas em 39 operações policiais. A taxa de letalidade na Maré, considerando o Censo

do IBGE, é de 6,4 por 100 mil habitantes, o dobro da média nacional, que é de 3,1.

Além do evidente impacto no direito mais básico de todo o ser humano, que é o de estar vivo, as operações afetam a rotina da população que já vive em áreas mais vulneráveis das grandes cidades, impedindo o acesso a serviços como saúde e educação.

ADFP É CONQUISTA

A ADFP é então uma conquista significativa da mobilização de moradores de favelas e de ativistas de direitos humanos, que há anos reivindicam políticas de segurança pública menos letais. Protocolada em 2019 pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB) e por organizações da sociedade civil, o instrumento foi utilizado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) para restringir operações policiais durante a pandemia da COVID-19. Permitindo-as apenas em casos "absolutamente excepcionais" e exigindo a preservação de registros visuais em todas as intervenções.

A Redes da Maré é amicus curiae (amiga da corte) no processo, ou seja, é parte da defesa pela continuidade da ADPF. É exatamente isso que está em jogo no Supremo, que começou a julgar a ADPF 635 no último dia 13 de novembro.

Em recente artigo publicado, poucos dias antes do início do julgamento, a diretora da Redes da Maré, **Eliana Sousa Silva**, destacou como recorrer ao STF para lutar pelo que deveria ser um direito garantido, aconteceu após inúmeras tentativas de chamar a atenção da sociedade.

"Os moradores de favelas do Rio de Janeiro vivem uma situação crítica. Aqui, a política de segurança pública é, historicamente, centrada no enfrentamento bélico, produzindo uma série de violências e violações contra uma população que já sofre com negligências dos mais variados tipos por parte de quem deveria ser o responsável pela garantia de seus direitos", escreveu no artigo.

JULGAMENTO

A primeira sessão contou com a fala dos ministros do STF e a apresentação dos argumentos de defesa. A advogada **Marcela Cardoso** representou a Redes da Maré na Corte e apresentou dados produzidos pelo Eixo Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça.

Marcela centrou a fala na defesa dos direitos básicos, como o de ir e vir, de acessar equipamentos de saúde, de ir à escola, de ter espaços de lazer e até o direito à vida. "As crianças da Maré são impedidas de nascer. Como aconteceu com o filho da Mayara que, aos seis meses, morreu na barriga de sua mãe por um tiro de fuzil", disse a defensora.

CAMINHO LONGO

Outra importante recomendação da ADPF 635 é a inviolabilidade de domicílio, ou seja, a proibição de entrar na casa do morador sem um mandado judicial. Parece óbvio que invadir a casa de alguém não é certo, mas é uma conduta que acontece rotineiramente em operações nas favelas. De acordo com o De Olho na Maré, em 2023, 58 casas foram invadidas pela polícia. Em 20 situações, houve roubo de pertences dos moradores. É a ADPF 635 que permite vítimas desse tipo de crime, cometido por aqueles que deveriam proteger o cidadão, possam buscar algum tipo de justiça.

Desde que entrou em vigor, a ADPF das Favelas tem cumprido algumas metas que se propõe. Mas, o caminho ainda é longo. Segundo o Diagnóstico da Segurança Pública Fluminense Pós ADPF 635, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), as mortes resultantes de intervenções policiais no Rio de Janeiro caíram 52% de 2019 para 2023. Apesar da diminuição, o mesmo estudo aponta que: para se chegar a um cenário minimamente aceitável, a redução teria que ser de 66%. Por essa razão, é importante que o Supremo decida pela continuidade desse instrumento jurídico, que tem auxiliado as populações vulneráveis a lutar pelos seus direitos.

FOTO THAINE SANTES



VOZES DA MARÉ

Das impressões de mimeógrafo aos grupos de WhatsApp, a comunicação comunitária como ferramenta de desenvolvimento e mobilização

HENRIQUE SILVA

A comunicação comunitária em espaços favelados desempenhou e continua preenchendo um papel essencial na construção de narrativas e contranarrativas sobre a luta e resistência dos moradores, ao longo das últimas décadas. Além disso, funciona como um importante registro das memórias coletivas das favelas, por meio da vivência e da experiência interna desses territórios. É possível traçar uma linha do tempo que conecta as histórias e memórias dos moradores e a produção de jornais.

UNIÃO DA MARÉ

No conjunto de favelas da Maré, os jornais comunitários fazem parte do cotidiano dos moradores há muitos anos. Destaca-se o *Jornal União da Maré*, criado por moradores do Parque União e que, posteriormente, ampliou sua atuação com a contribuição de pessoas de outras favelas. Lançado em 1980, o jornal surgiu com o objetivo de informar os moradores, especialmente sobre o recém criado projeto de habitação da cidade, o Projeto Rio, do Banco Nacional de Habitação. Naquela época, os jornais comunitários promoviam a ideia de união entre as seis favelas que compunham o território da Maré: Parque União, Rubens Vaz, Nova Holanda, Parque Maré, Timbau e Baixa do Sapateiro.

Um dos principais colaboradores do jornal foi o Grupo Jovem Nova Holan-

da, vinculado à Igreja Católica, além de Maria Amélia Castro e Silva Belfort, integrante do grupo de Mulheres da Nova Holanda. Em 1984, com o apoio de membros do bloco carnavalesco "Mataram o Meu Gato", esses grupos formaram a Chapa Rosa, que venceu as eleições para a Associação de Moradores da Nova Holanda.

Durante os três anos de existência, o *Jornal União da Maré* publicou 12 edições, de forma irregular, mas chamou a atenção dos moradores e da impren-

sa. Em uma coluna no jornal *O Globo*, em 1983, o jornalista Artur da Távola destacou a importância e continuidade do jornal: "O leitor pode pensar que em todos os lugares são feitos jornalinhos que duram no máximo até o terceiro número. Pois este já está no onze!".

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES

Durante a gestão da Chapa Rosa (1984–1993), a Associação de Moradores e Amigos da Nova Holanda (AMNH) criou um outro jornal comunitário para informar os moradores sobre as atividades da associação e divulgar informações sobre serviços e direitos, como o Plano Econômico, as campanhas de vacinação, as políticas alimentares e o combate à dengue. O jornal desempenhou um papel importante no processo de mobilização comunitária, sendo uma ferramenta essencial para convocar os moradores a participarem de assembleias.

Assim como o *Jornal União da Maré*, o *Jornal da Chapa Rosa* também chamou a atenção da mídia tradicional. Em uma reportagem com o título "Jornais mensais informam sobre avanços obtidos na Nova Holanda", a edição do *O Globo*, de 22 de setembro de 1991, destacou o impacto do jornal comunitário distribuído na Nova Holanda:

"Com o apoio da Associação de Servidores da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), jornais mensais eram produzidos para informar os



Nas favelas da Maré moradores têm até um jornal

ARTUR DA TAVOLA

Quem não vive em favela, por mais que imagine, nunca vivenciou a realidade da luta e como é difícil para os moradores dar cada passo à frente. Mas eles dão. E a cada dia avançam em matéria de organização comunitária e projetos comuns. Tal união do movimento favelado além de conseguir melhoramentos ainda identifica as explorações políticas de fins puramente eleitorais e dá um sentido de consciência ideológica aos militantes.

O caso das favelas da Maré é mais que expressivo. Dentre as vantagens da união dos moradores resulta até um jornal comunitário, brilhante prova de capacidade de trabalho da turma, fazendo-o mimeografado mas com desenhos, ilustrações e, até, charges. Tive a oportunidade

de ler o *União da Maré*, jornal comunitário que circula na Maré, em Rubens Vaz, Roquete Pinto, Nova Holanda, Timbau, Baixa do Sapateiro e Parque União.

O leitor poderia pensar que em todos os lugares são feitos jornalinhos que duram no máximo até o terceiro número. Pois este já está no onze! Mesmo mimeografado tem os seus anúncios, relativos a negócios pequenos, como, por exemplo, uma deliciosa propaganda de "consertos de panela de pressão". Do jeito que as coisas vão, panela a gente tem. O que não tem é comida p'a nela colocar... Outra propaganda ótima é a do cabeleireiro Antônio, anunciando o requinte de cortes à francesa e americana. Maneiro!

Pelo *União da Maré*, a gente fica sabendo das grandes lutas da comunidade. E o jornal não reclama, apenas, das autoridades ou discute assuntos sérios como o caso da luz. É franco, também, com os moradores. Conta, por exemplo, a história do "valão". Antes, não havia coleta de lixo pela Comlurb. Os moradores unidos lutaram. Agora há coleta três vezes por semana. Mas como diz o texto do jornal *União da Maré*

"Acontece que nego continua jogando lixo no valão da Rua Darci Vargas e no mar. As margens do valão se transformam em focos de ratos, mosquitos e ajuda-se a poluir a Baía de Guanabara. Estas pessoas sem consciência precisam saber que podem causar várias doenças. Elas estão pondo em risco a própria saúde e a dos vizinhos."

Para complementar a matéria acima citada, o jornal imprime um ótimo material ilustrado, creio que da FEEMA, ensinando a localizar focos de mosquitos e a combatê-los.

Ao ver esse esforço formidável dos favelados da área da Maré, penso nas pessoas que falam mal das favelas e as consideram locais de marginais. Duvido que em muita comunidade bacana, onde tudo é facilidade, as pessoas se dêem bom-dia, boa-tarde ou perguntem como vai ao vizinho. Pois nas favelas da Maré a comunidade tem até jornal a uni-la, a defendê-la e a discutir problemas comuns.

moradores sobre os avanços obtidos e as novidades. Durante campanhas de vacinação ou prevenção de epidemias, boletins explicativos também eram distribuídos.”

NOVAS MÍDIAS E NOVOS FORMATOS

Outros veículos, como a TV Maré, criada em 1989 pela Cáritas Brasil, durante a Campanha da Fraternidade, e rádios comunitárias, como a Rádio Transmania, Rádio Progressiva e Rádio Maré, ampliaram as possibilidades de comunicação. Essas iniciativas usaram formatos como rádio-poste, transmissões via internet e sinal de rádio tradicional. A seguir um trecho de uma participação de **Eliana Silva Sousa**, então diretora da AMNH, para a TV Maré, retirado da dissertação de mestrado de Vitor Chagas: “História das mídias e jornalismo cidadão de base comunitária na Maré (2007)”. Na época, Eliana falou da importância de novos formatos de comunicação.

“A gente precisa fazer um outro tipo de trabalho, que leve os moradores a refletirem sobre a necessidade de mudar outras coisas. Por isso, eu estou trabalhando com a questão da informação, com a questão da divulgação do trabalho, para a gente conseguir falar para a comunidade. Por isso, eu até louvo essa iniciativa de você ter hoje uma TV Maré, quer dizer, porque é mais um instrumento que os moradores estão, a nível de Maré, conseguindo ter, para poder se organizar.”

CONSOLIDAÇÃO

Em 1999, surgiu o *Jornal O Cidadão*, idealizado pelo Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (Ceasm). A partir da experiência de moradores que participaram da gestão da Chapa Rosa e da TV Maré, o jornal combinou conhecimentos do audiovisual e da

produção impressa. Em 25 anos, o jornal publicou 70 edições, com tiragens que chegaram a 20 mil exemplares por edição. Hoje, o jornal O Cidadão mantém um site e redes sociais ativas.

O *Maré de Notícias*, lançado em 2009 pela Redes da Maré, completa 15 anos em dezembro de 2024. O jornal se consolidou como referência no jornalismo comunitário, com 166 edições publicadas, com tiragens que chegaram a 50 mil exemplares mensais e uma crescente presença digital desde 2017. A publicação combina formatos tradicionais e inovações tecnológicas para alcançar a comunidade. Durante a pandemia, destacou-se ao lançar boletins informativos sobre a COVID-19 e promover campanhas educativas.

TEMPO REAL

Recentemente, com o avanço da tecnologia, a comunicação se tornou mais rápida e, em alguns casos, mais concisa, alcançando um grande número de pessoas que podem acessá-la de qualquer lugar, desde que tenham um celular ou computador. Sites de notícias, podcasts e redes sociais, como Instagram, Facebook, Tik Tok e X, têm substituído não apenas os jornais impressos, mas também a TV aberta como fonte de informação.

Com isso, novos espaços de comunicação comunitária surgiram nas favelas da Maré, como as páginas das redes sociais do Maré Vive, Maré de Notícias e O Cidadão. Uma questão relevante nesse “novo momento” da comunicação comunitária, a partir das redes sociais, é a rápida circulação de informações durante operações policiais em territórios de favelas, tornando-se um canal de comunicação atualizado sobre o que está acontecendo nesses locais.

As páginas de Facebook da Redes

da Maré (2011) e *Favela Fiscal* (2013) começaram a publicar informações sobre as operações policiais. No entanto, foi durante a ocupação das Forças Armadas no conjunto de favelas da Maré, que surgiu uma grande quantidade de canais cobrindo esses eventos. Nesse período, foi criada a página do *Coletivo de Comunicação Maré Vive* (2014), que passou a divulgar informações sobre as ações, muitas vezes desastrosas, das Forças Armadas no território.

REFLEXO DO TEMPO

A comunicação popular é um reflexo de seu tempo. Nos anos 1980, a prioridade era responder a demandas imediatas em um contexto de abertura política. Nos anos 1990, com o reconhecimento do território da Maré como bairro, a comunicação comunitária passou a abordar questões de memória e conquistas sociais. Dos anos 2000 até agora, a repressão policial e as políticas de segurança pública dominaram a pauta.

Com a chegada das novas tecnologias, a comunicação comunitária das favelas adaptou-se ao cenário digital, tornando-se uma ferramenta essencial para mobilização, denúncia e preservação da identidade coletiva.



BODAS DE CRISTAL

Maré de Notícias chega aos 15 anos ajudando a contar a história da Maré

HÉLIO EUCLIDES

O jornal Maré de Notícias nasceu em dezembro de 2009 e, em sua trajetória, conheceu centenas de personagens. O jornal entrou nas casas dos mareenses, levando informação, cultura e entretenimento para os moradores.

Desde o início, o jornal teve o objetivo de produzir e difundir conteúdo jornalístico crítico, reflexivo, que motive e mobilize a comunidade. O objetivo é fomentar ações capazes de gerar mudanças que impactem na qualidade de vida da população da Maré, com editoriais que passam por políticas públicas, direitos humanos e a valorização da cultura local.

NOSSA HISTÓRIA

Para que o jornal tivesse uma representação na Maré, foi feita em 2009 uma sondagem de opinião, intitulada: "Por um jornal da Maré: diga como você quer!". Foram 2.300 entrevistados que revelaram que 89% dos moradores tinham hábito de ler. Sendo que 53% liam jornais, 76% procuravam notícias sobre a Maré e, 69,3%, sentiam-se insatisfeitos de como eram retratados nos veículos de comunicação. Além disso, 98% achavam importante existir um jornal comunitário e, 12% da população, queria ver notícias sobre a favela nas páginas do novo jornal.

Um passo importante também foi o concurso cultural para a escolha do nome. A campanha "Por um jornal da Maré, diga que nome você quer!" durou 30 dias, com panfletos, cartazes e até outdoor. Chamou atenção de mais de 500 pessoas, que deram sugestões,

em urnas espalhadas no território ou utilizaram a internet. Só na terceira edição, enfim, o jornal ganhou um nome: Maré de Notícias.

OS ATORES PRINCIPAIS

Antes da primeira edição, algumas instituições locais e associação de moradores se uniram à Redes da Maré para o planejamento do jornal. Umas continuaram até o fortalecimento do projeto, como a Biblioteca Comunitária Nélide Piñon, localizada em Marílio Dias. "Veio para expandir vozes, pessoas em grande parte oriundas do Nordeste, destacando a cultura. Uma marca são as entrevistas das lideranças, com resgate da história, mostrando a vivência atual, mas sem esquecer a memória, como o tempo das palafitas. Traz diversas pautas, como a violência, para que a sociedade possa debater o assunto. Nesses 15 anos, é bom parabenizar todos os atores que fizeram parte e agradecer os parceiros que financiaram essa comunicação", diz **Geraldo de Oliveira**, coordenador da biblioteca.

Há leitores que mantêm contato constante com o jornal, enviando sugestões de matérias, poesias e escrevendo sempre comentários. **Sara Alves**, moradora da Vila do João, é uma dessas. "Tornei-me fã, antes dele ter o nome que tem, no período da sua criação. Como não ser fã do jornalismo comunitário? Feito, conjuntamente, por quem vive todas as complexidades reais que vivemos?", opina.

Sara defende o jornal impresso. "Creio na importância diante da realidade atual em que vivemos, 43% dos moradores de favelas não possuem in-

ternet. Existem muitas pessoas idosas, principalmente, que amam ter o jornal impresso para lerem em suas portas. No meu caso, sinceramente, assim como os livros, eu gosto de ter o jornal em minhas mãos", afirma.

Ela deseja que o Maré de Notícias continue contribuindo na superação das representações negativas e preconceituosas sobre as favelas da Maré e do Rio de Janeiro, veiculadas nas mídias hegemônicas. "Que continue apresentando as narrativas das pessoas que merecem ser reconhecidas por suas ações, e que são histórias-vivas em nossas favelas", enfatiza.

CULTURA LOCAL

A cada mês o Maré de Notícias traz uma gama de personagens. Nas matérias, a presença dos moradores é indispensável, em entrevistas e opiniões sobre temas relevantes. Quem mais pode ser o especialista sobre algo que vem acontecendo na Maré, do que o próprio mareense?

Dentre esses moradores, o cantor Lindemberg Cícero, conhecido como **Bhega Silva**, figura carimbada em diversas edições, mostrando suas composições, seu trabalho ecológico com a coleta de óleo e o projeto Cineminha no Beco. "Sou só gratidão e felicidade pelo reconhecimento, pelos meus projetos nas matérias, por onde passo todos me parabenizam, por lerem as matérias. O jornal tem respeito pela minha história na Maré", comenta.

Popular como o trovador da Praia de Ramos, Bhega afirma que a maior importância do jornal como meio de co-



municação é ampliar as vozes dos moradores. “É um jornal com 15 anos de luta, resistência e persistência. Uma comunicação comunitária feita com muito carinho por quem conhece de perto a realidade do território, levando informações e sendo distribuído em mãos ou deixado de porta em porta”. diz.

LIDERANÇAS

No meio da política, o Maré de Notícias já trouxe diversas vezes o pensamento de lideranças locais. Um desses entrevistados foi **Pedro Francisco**, presidente da Associação de Moradores do Conjunto Esperança. “Parabenizo esse excelente trabalho em torno de nossas comunidades, buscando os anseios de cada morador, por melhorias, expressando os seus sonhos e projetos de uma Maré melhor”, destaca.

Alguns moradores ultrapassam o papel de leitor e passam a fazer parte da equipe. **André Lucena**, ex-morador da Nova Holanda, durante alguns anos, criou as charges do jornal de forma voluntária. “Para mim, como morador, o jornal Maré de Notícias é uma ferramenta poderosa de informação cultural e social. Além, claro, de ter sido uma casa, onde pude expressar a minha arte como chargista”, resume.

O JORNAL E AS UNIVERSIDADES

Durante esses 15 anos muitos parceiros fizeram parte da história do Maré de Notícias. Uma das parcerias é com o Curso de Extensão Mídia, Violência e Direitos Humanos (MVDH), no qual **Pedro Barreto**, jornalista da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e coordenador do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas em Direitos Humanos Suely Souza de Almeida (Nepp-DH), que também coordena o curso. Para ele, a comunicação comunitária é fundamental não só como ferramenta de diálogo, mas como uma organização de pessoas. “Os meios de comunicação hegemônicos não sabem as demandas da população da favela, diferente do Maré de Notícias que está no cotidiano, fala direto com o morador e acaba sendo também um elo com o poder público. O jornal comunitário tem a confiança da favela”, conclui.

Raquel Paiva, professora emérita da Escola de Comunicação (ECO/UFRJ) e fundadora do Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC), avalia o trabalho do jornal. “Ainda me lembro vivamente do surgimento do Maré de Notícias e de todo o contex-

to da sua criação. O jornal tem atuado como um verdadeiro veículo comunitário representando na prática as discussões que temos fomentado ao longo dos 27 anos de existência do LECC”, expõe.

Para a professora, as pautas do jornal têm trazido com vigor o cotidiano da população e suas questões. “Ele tem impulsionado a população na discussão de temáticas que lhe dizem respeito diretamente, é elaborado por moradores e jornalistas da própria favela e, ainda, tem pautado a sociedade civil e instituições da cidade, em direção à necessidade de políticas públicas para com os moradores da Maré. Desejamos que o Maré de Notícias siga inspirando a todos nós em direção a um país mais igualitário e inclusivo com o vigor de toda a sua diversidade”, finaliza.

FOTOS DOUGLAS LOPES E PATRICK MARINHO



PEGUE SUA GARRAFINHA: ÁGUA É VITAL!

O simples e clássico beber água é o mais indicado por médicos para não correr o risco de desidratação e outras doenças

MARCELO BARTOLOMEI

A estação mais quente do ano já chegou e, além do filtro solar, outra preocupação que precisa ficar no radar é a hidratação: beber líquidos, de preferência água. Isso ajuda o corpo a manter a temperatura normal e evita aquele mal-estar que sentimos nos dias mais abafados.

De acordo com o pneumologista e clínico geral **Humberto Bassit Bogossian**, do Hospital Israelita Albert Einstein, quando somos submetidos a condições extremas de calor e exposição ao sol, é normal que nossa temperatura corporal suba. "A hidratação adequada vai auxiliar a resfriar o corpo e ainda manter o equilíbrio entre a perda de água e sais que ocorre pelo suor durante o calor extremo", diz o médico.

COMO CONTROLAMOS A TEMPERATURA?

O corpo tenta controlar a elevação de temperatura para evitar que supraqueça e alcance mais de 40° C, um quadro chamado de hipertermia. Para isso, o organismo estimula a dilatação de veias e artérias da pele para que, dessa forma, ele perca calor para o ambiente. Além disso, produz suor e aumenta o ritmo da respiração, medidas que auxiliam a controlar o aumento da temperatura corporal.

Só que tudo isso eleva o risco de desidratação, especialmente em pessoas mais sensíveis, como crianças e idosos, por isso é importante ficar atento para a ingestão de água e líquidos.

ESTOU DESIDRATADO?

Os sintomas da desidratação podem começar de forma discreta e incluem sede, urina em menor quantidade, dor de cabeça e a respiração pode ficar mais ofegante.

Se a falta de água não for resolvida, aí os sintomas podem piorar: irritabilidade, náuseas e vômitos e até convulsões e desmaio podem indicar que o corpo precisa urgentemente de água. Nesse ponto, é importante buscar ajuda médica rapidamente.

ALGUNS MITOS E VERDADES SOBRE HIDRATAÇÃO.

Ok, aprendemos que precisamos de líquidos para nos mantermos hidratados e refrescados, mas existem muitos mitos e verdades sobre isso. Pedimos então para o médico Bogossian esclarecer esses e outros mitos tão comuns no nosso dia a dia.

BEBER MUITA ÁGUA FAZ BEM.

Mito. "Tudo em excesso é ruim, inclusive água", afirma o especialista. O problema é que o excesso de água no organismo mexe com o equilíbrio de sais minerais necessários para tarefas vitais no corpo, como a contração muscular (lembra que o coração é um músculo?) e o funcionamento neurológico. "O excesso de água também pode ser prejudicial para pacientes com problemas cardíacos ou renais, resultando em acúmulo de líquido em locais indesejáveis, como pulmões."

É RECOMENDADO BEBER 2 LITROS DE ÁGUA POR DIA.

Não exatamente. Embora essa recomendação seja ainda muito utilizada, atualmente os médicos recomendam que a quantidade de água ingerida

deve ser calculada de acordo com o peso corporal de cada indivíduo. "Além do tamanho e do peso, a temperatura externa do ambiente e o ritmo de perda de líquidos são elementos fundamentais para definir o quanto é necessário de água por dia", explica Bogossian. Para saber qual seria uma boa quantidade de água a ser ingerida, basta multiplicar o seu peso por 35 (35 ml). Por exemplo: uma pessoa de 80 kg deve beber 2 litros e 800 ml de água por dia (80 kg x 35 ml = 2800 ml). E beba aos poucos, ao longo do dia": A ingestão deve ser aos poucos, distribuída ao longo do dia.

CONSUMIR MUITO SAL OU AÇÚCAR AUMENTA A SEDE.

Verdade. "Além de incentivar uma maior ingestão hídrica, o excesso de sódio gera uma maior retenção de líquido no corpo, podendo comprometer o sistema cardiovascular", alerta o especialista. O excesso de açúcar também pode alterar a glicemia em pacientes com tendência a diabetes mellitus, o que gera um desequilíbrio na perda de líquidos e acaba piorando a sede.

PODE TROCAR ÁGUA POR OUTROS LÍQUIDOS.

Mais ou menos. Sucos naturais, água de coco e chás sem açúcar podem ser uma forma complementar de hidratação no dia a dia, mas nada substitui a ingestão de água em grande volume todos os dias. "Bebidas industrializadas como sucos e refrigerantes têm um volume considerável de açúcar e sódio, que, em excesso, contribuem para o aumento de peso e não trazem benefício", explica o médico. Se está difícil ingerir água pura, o médico sugere fazer uma água saborizada, adicionando frutas (como limão e laranja) e ervas (como o hortelã) para dar um leve sabor.



O conteúdo desta página é elaborado pela Comunicação Institucional do Hospital Israelita Albert Einstein com o objetivo de levar boa informação de saúde de qualidade para a população da Maré.



ALBERT EINSTEIN
SOCIEDADE BENEFICENTE ISRAELITA BRASILEIRA

PRETA CHIC E INOVADORA

ESTÚDIO NO PARQUE UNIÃO SE DESTACA AO UNIR ALONGAMENTO DE UNHAS E PONTO DE ENCONTRO DAS AMIGAS

LUCAS FEITOZA

Está com as crias, tomar um drink, fazer as unhas, jogar conversa fora e passar o tempo ouvindo rap, R&B e funk. Essa é a proposta do *Studio Preta Chic*: fazer você se sentir na casa de uma amiga. Localizado na Rua Darcy Vargas, 152, Parque União, a empreendedora e *nail designer* (design de unhas) **Preta Chic**, de 25 anos, criou um ambiente acolhedor e cheio de axé.

Nascida na cidade de Itaguaí e moradora do Parque União há três anos, ela conta que sempre vinha para a Maré a passeio, curtir o baile e comer no Polo Gastronômico. Em uma dessas ocasiões, observando as unhas das mulheres, percebeu que poderia haver espaço para o trabalho dela. "Numa sexta-feira, eu estava olhando as monas, vendo as unhas delas e pensei: 'cara, eu vou me mudar pra cá, aqui eu vou ter acesso às novidades".

FAMOSAS FIÉIS

Preta Chic contrariou a família e mudou, mas conta que no início não foi fácil.

"Vim na cara e na coragem, sem conhecer ninguém. No começo, foi bem difícil. Nos primeiros quinze dias, fiquei sem atender nenhum cliente. Eu sabia que seria assim, mas também sabia que daria certo. Foi quando eu fiz contato com a **Nina do Porte** e, assim, ela me deu mais visibilidade", relembra.

Nina é influencer, empresária, cantora e compositora, conhecida como "a bruta, a braba e a forte", e tornou-se cliente fiel. Sempre que faz as unhas, faz questão de elogiar o trabalho da designer nas redes sociais: "Eu acho que essa foi a unha mais bonita que eu já fiz. Obrigada por me representar tão bem com a sua arte".

Outra famosa e fiel cliente é a cantora baiana **Majur**, que passou por lá para fazer as unhas antes do show no Rock In Rio e escreveu em suas redes sociais. "A do Rock esse ano é com ela, ficou impecável!".

Preta Chic se tornou uma figura tão importante na estética de unhas alongadas, as "famosas garras", que ganhou uma homenagem na cena Ballroom: a categoria *Best Nails* (melhores unhas). Ela brinca que ser manicure de alguém é um relacionamento de longa duração.

O STUDIO SONHADO

Preta relembra que, antes de montar seu estúdio, já havia trabalhado em outro salão e em casa. Mas, em uma noite, ela teve um sonho: "Sonhei com um lugar nas cores preto e amarelo, com estampas de onça e a placa com esse nome, Preta Chic".

A empreendedora segue se aperfeiçoando: participou da formação *Deu Match*, promovida por Bianca Andrade, faz cursos de marketing e afro empreendedorismo, além do curso *Espanhol para Tod@s*, oferecido pela Redes da Maré.

O olhar empreendedor trouxe inovação para o trabalho. O espaço, onde as cliente ficam em média cinco horas fazendo as unhas, oferece não apenas o tratamento estético, mas também um momento de descanso. "Minhas clientes não vem aqui com pressa, elas sabem que vão ficar um tempo, beber algo".

A empresária, que também já trabalhou com drinks, sempre oferece bebidas para as clientes. E agora, o espaço incluiu uma novidade: tem também um bar! O Bar da Preta é, segundo a empresária, o único estúdio de alongamento de unhas e bar do Rio de Janeiro, "para o acolhimento e diversão de todes", destaca.

GAROTA SUCESSO

Se na adolescência ela foi considerada "garota problema", agora, ela é uma garota sucesso! Aos 21 anos, se reinventou-se, dando um novo rumo à sua história, tornando-se referência para a família. "Hoje, eu mostro para todo mundo que é possível transformar sua realidade e sou exemplo para os meus 10 irmãos".

De acordo com a pesquisa *Empreendedorismo Feminino*, do Sebrae, com base em dados do quarto trimestre de 2023, no Brasil há um total de 30 milhões de empreendedores. A pesquisa mostrou que só no Rio de Janeiro são mais de 2,5 milhões, sendo 964.360 mulheres contra 1.544.656 homens. Ou seja, as mulheres representam apenas 38,4% dos empreendimentos em todo o estado.

A pesquisa revela ainda que, entre as mulheres, embora haja uma semelhança no número de empreendedoras brancas e pretas, o comércio representa para as pretas uma oportunidade única.

Na Maré, segundo o Censo de Empreendedores da Maré (2014), a maioria dos empreendedores são homens (59%), enquanto as mulheres representam apenas 39,5% dos pequenos negócios do território. A pesquisa analisou 2.953 empreendimentos. Estima-se que a Maré tenha aproximadamente 3.182 empreendimentos, sendo a maioria na área de prestação de serviço, seguido do ramo da beleza.

Para a empreendedora, "Preta" representa força, além de atrair suas clientes, que na maioria também são mulheres pretas. "Meu trabalho tem conceito e ancestralidade. Além disso, o público preto é atraído por pessoas pretas", opina.

FOTO AFONSO DALLUA



SAMBA: O ELO ANCESTRAL DA MÚSICA

Como o ritmo que nasceu na Pequena África ecoa na Maré e transforma vidas há gerações

THAYNARA SANTOS

No dia 2 de dezembro, celebramos o Dia Nacional do Samba. Para além de sinônimo de música e dança, o samba é um dos representantes da herança africana, um dos povos que fundaram o Brasil e, ainda nos dias atuais, têm sua história desvalorizada. Uma história tão forte que nem mesmo a escravização e a criminalização foram capazes de esconder.

Em 2007, o samba foi consagrado como Patrimônio Cultural Imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). No conjunto de favelas da Maré, o pandeiro, o cavaquinho e o tantan ecoam os ritmos dos antepassados que, através da música, mantiveram sua cultura viva. Nesta matéria, vamos conhecer a trajetória de três desses grupos, o Fundamental, o Nova Raiz do Samba e o No Lance.

SE NÃO FOSSE O SAMBA

“E se não fosse o samba, quem sabe hoje em dia eu seria do bicho” é um verso do cantor e compositor Bezerra da Silva, mas **Alexandre Gonçalves**, 47 anos, voz e banjo do Grupo Nova Raiz do Samba, a usa para ilustrar sua juventude nos bailes cariocas. Mais conhecido como **Dão**, ele participava dos “bailes funk de corredor”, em que dois grupos (Lado A e Lado B) se enfrentavam.

O que o motivou a participar das brigas foi a raiva gerada por um episódio traumático. “Como eu imitava o Michael Jackson, eu ia para o baile dançar, só para dançar mesmo. Até que um dia fui vítima de uma violência e essa violência gerou outra violência, né? Toda a ação gera uma reação, comigo não foi diferente. E, eu, atrás de vingança, procurei o meu algoz, o cara que me deu um tapa na cara”, conta.

Quando completou 18 anos, Dão decidiu retomar sua vocação para a arte. Já não se reconhecia e tinha medo de perder a vida da mesma forma que muitos dos seus amigos. “Eu também comecei a cometer pequenos de-

litos, mesmo que indiretamente. Eu usava a desculpa de que estava com a galera do baile e a gente acabava surrupiando pequenos pertences, como relógios e cordões. E aí eu comecei realmente a me enveredar por um caminho obscuro, até que um amigo meu, o Léo, sumiu, desapareceu, e eu tive que mudar meu rumo, porque senão ia acabar me dando mal. E aí, o samba retornou para o meu caminho”.

O menino que batucava a música Mel na boca, de Almir Guineto, nas latas, galões e barris, enquanto aguardava na fila da bica, agora faz parte do grupo Nova Raiz do Samba, que recentemente completou 18 anos, ao lado de Marcelo Fernandes (Mamá), também na voz e repique de mão; Wagner Costa (Waguinho), no tantan; e Luiz Henrique da Costa (Neguinho), na voz e no surdo.

SANTO DE CASA

Thiago Pires Borba, 39 anos, morador do Parque União, também começou a amar o samba por influência dos que vieram antes. “Sempre amei música! De música clássica ao frevo, mas quando assisti aos grupos de samba que nos antecederam aqui na Maré, me despertou a vontade de fazer samba também!”, comenta.

Ele iniciou ao seu caminho e encontrou pessoas que partilhavam do mesmo sonho. Após muito estudo, ensaio e aperfeiçoamento, o que era uma “brincadeira de tocar samba”, fez sucesso nas festas e eventos da Maré. Hoje, Thiago é a voz do Grupo Fundamental, ao lado de Michel George (cavaquinho), Pedro Artur (reco-reco) e Hércules Cezar (percussão).

No começo do grupo, devido às poucas oportunidades, juntos eles criaram o Pagode do Fundamental, localizado no Parque União, de onde Thiago é cria. Em outubro, o evento completou 20 anos. Com o apoio dos moradores, da associação e do comércio local, sempre mantêm a casa cheia.



“Nossa trajetória não foi fácil, aliás continua não sendo fácil. Como toda pessoa periférica, esbarramos em vários empecilhos que torna tudo mais difícil e nos obriga a trabalharmos 10 vezes mais”, conta.

E completa: “Existe um ditado popular que diz que: ‘santo de casa não faz milagre’, mas esse ditado cai por terra com a gente. São 20 anos de grupo, de pagode na Maré, e não teve um dia nesses 20 anos que não tocamos para muitas pessoas. Fora todo o apoio em tudo que fazemos. Sempre a nossa gente com a gente”.

SONHO E REALIDADE

Danilo Siqueira, 37, voz do Grupo No Lance, explica que, embora seja reconhecido pela população e pelos contratantes, ainda é preciso valorizar ainda mais o trabalho dos capas (como são conhecidos os artistas do meio musical). “Para nós, o principal desafio é equilibrar o sonho com a realidade financeira. Atualmente, muitos de nós vivenciamos uma jornada dupla: trabalhamos no setor privado e dedicamos tempo à música. Essa é a realidade de vários artistas da Maré. Encontrar um equilíbrio saudável entre a paixão pela arte e a estabilidade financeira”, explica.

Dan, como também é conhecido, é cria da Vila dos Pinheiros. A história dele com o samba teve forte influência do pai. “Desde pequeno, fui imerso na música graças à minha família. Meu pai, um grande fã de samba, foi o responsável por despertar meu amor pela música. Lembro-me da primeira vez que ele me levou a uma roda de samba. Foi um momento que mudou minha vida. A partir daí, a música se tornou uma parte fundamental da minha jornada”, diz. Junto a Danilo, que é a voz do No Lance, estão Anderson Barros (Andy), voz e violão, e Leonildo Lima (Nil), voz, reco-reco e gestor do No Lance.

O Grupo, fundado em 2002, na Maré, circula por todo o país, mas, reverencia a potência da favela em promover arte e cultura em cada esquina. “A cena musical da Maré é incrivelmente rica e vibrante! Não precisa sair do bairro para curtir uma variedade de gêneros: samba, rock, funk, forró, trap e muitos outros. É maravilhoso como tudo se mistura de forma harmônica. Na Vila do João, por exemplo, uma única rua nos oferece uma jornada musical completa: começa com o forró da entrada da Avenida Brasil, passa pelo MPB do Estrela da Vila, e termina com o pagofunk do Castelo do Chopp. Tudo isso na mesma rua! É simplesmente incrível!”, elogia.

NOSSA HISTÓRIA

Depois da abolição de escravidão no Brasil, o Estado logo tratou de lembrar aos negros, agora ex-escravizados, que os interesses da Princesa Isabel eram mais comerciais do que humanitário. A Lei da Vadiagem foi a encarregada de proibir todas as expressões culturais e religiosas associadas à população negra.

O samba carioca nasceu na chamada Pequena África (região que abrange os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo), Zona Portuária e no centro do Rio. Nomes como Tia Ciata (Hilária Batista de Almeida) e Donga (Ernesto Joaquim Maria dos Santos) são os principais responsáveis pelo samba que conhecemos hoje.

Donga é um dos autores da música Pelo Telefone, primeiro samba a ser registrado e gravado, em 1916. Tia Ciata, reconhecida como a grande mãe do samba (além de candomblecista e cozinheira de mão cheia) promovia rodas de samba no quintal de casa, mesmo proibidas por lei, que eram frequentadas por músicos, negros alforriados e seus descendentes. Com a difusão do rádio no Brasil (principal meio de comunicação da época) e o surgimento das escolas de samba, o ritmo conquistou cada vez mais espaço no cenário musical e social.

De lá para cá, apesar do samba ter conquistado o Brasil e o mundo, pouca coisa mudou em relação ao racismo e a marginalização dos corpos e territórios negros. Entretanto, a favela e o samba seguem sendo o que são: o espelho de uma gente que nunca desistiu de ser.





ESPERANÇA PÚBLICA | 8º BOLETIM DA MARE APONTA AUMENTO DO NÚMERO DE OPERAÇÕES PELO SEGUNDO ANO CONSECUTIVO - PÁGINAS 5, 6 E 7.

SAÚDE NA MARE | LUTAS E CONQUISTAS PELO ACESSO À SAÚDE EM 30 ANOS DE BARRIO - PÁGINA 6 E 7.

EDUCAÇÃO ESPECIAL 150

MARÉ DE NOTÍCIAS

QUAL A PARADA PARA O DIA DE MARE?

história

Em 2010, durante o governo do então governador Sérgio Cabral, a MARE foi criada para dar visibilidade às histórias e demandas da comunidade.

ABRIL - 2024

MARÉ DE NOTÍCIAS

EDIÇÃO 159

1 UMA MARÉ DE CULTURA

LANÇAMOS O CALEIROS QUE TRAZ AS ADQUIZIÇÕES CULTURAS QUE UNEM A GOVERNANÇA DA MARE

ACESSE O SITE

SEGURANÇA PÚBLICA | 8º BOLETIM DA MARE APONTA AUMENTO DO NÚMERO DE OPERAÇÕES PELO SEGUNDO ANO CONSECUTIVO - PÁGINAS 5, 6 E 7.

SAÚDE NA MARE | LUTAS E CONQUISTAS PELO ACESSO À SAÚDE EM 30 ANOS DE BARRIO - PÁGINA 6 E 7.